

# REALIDADE

OUTUBRO 1967

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL

NC-5 1,00



## RACISMO: EUA BRASIL



LABORATÓRIO  
VIRTUAL  
FAU-UFA

Este é o diário dramático de dois homens: um branco e um negro. Durante vinte dias, eles viveram amargas experiências para descobrir se brancos e negros são iguais no Brasil. O resultado de seu trabalho não tem o rigor de uma pesquisa científica. É apenas uma experiência humana. Mas, em seis capitais do país, eles tiveram a coragem de provar o que muitos sabem e poucos dizem:

# EXISTE PRECONCEITO DE CÔR NO BRASIL

Reportagem de Narciso Kalili e Odacir de Mattos  
Fotos de Luigi Mamprin e Geraldo Mori

Vivi toda a infância e adolescência ouvindo e aprendendo que o negro era um homem inferior. Na escola, em casa, na rua, meus pais, os professores e meus amigos sempre atribuíam aos negros maus sentimentos e atitudes negativas. Usavam os negros para coagir as crianças a não fazer travessuras. Ouvi muitas vezes a ameaça:

— Olha que eu chamo o preto pra te levar!

Durante a mocidade, no colégio e na faculdade, meus professores ensinavam que no Brasil não existe preconceito racial. E sempre me considerei um homem sem preconceitos.

Mas isso seria verdade?

O que sentiria Odacir, esse negro que me acompanharia durante 20 dias como cobaia?

Quando convidei Odacir para a experiência, ele explicou por que aceitaria:

— Não é mais possível enganar ninguém com atitudes paternalistas ou com frases bonitas. É preciso levantar o problema do preconceito racial com seriedade, para que ele possa ser discutido e resolvido, um dia.

Seriam seis as cidades do nosso roteiro: Belém, Recife, Salvador, Rio, São Paulo e Porto Alegre. Saímos de São Paulo no dia 15 de agosto.

Ao chegar ao aeroporto, às 21,30, encontrei Odacir à minha espera.

Estava sério. Senti em seus olhos a determinação daqueles que têm oportunidade de falar pela primeira vez. Mamprin, o fotógrafo, chegou pouco depois.

Tivemos que aguardar meia hora até a saída do avião. Enquanto esperávamos, fui comer um sanduíche. Odacir foi tomar um uísque. Quando estávamos na fila para tomar o avião, Odacir chegou dizendo que o garçom lhe cobrara cinco mil cruzeiros pela dose de uísque nacional. Normalmente ela custa 2.500 cruzeiros. Só mais tarde, no transcorrer da reportagem, eu compreenderia a técnica usada pelos donos de hotéis, restaurantes e casas de diversão. Por temerem complicações, eles não se recusam a receber negros em seus estabelecimentos. Mas o tratam tão mal e cobram tão caro que o negro, se não for embora na hora, não sente mais vontade de voltar.

## Dia 16, Belém

No avião, com destino a Belém, sentamos separados. Eu ao lado de uma velha, Mamprin, de uma loura vistosa e Odacir sozinho. Havia mais três ou quatro lugares desocupados no aparelho. Mamprin puxou conversa com a loura depois de saber que ela ficaria durante uma semana em

Belém: ela seria útil para uma das experiências que desejávamos fazer.

Pouco depois das cinco horas da manhã, chegamos a Belém. Iamos ficar no Hotel Grão Pará, o melhor da cidade. Eu me hospedaria com Mamprin, Odacir, sozinho. Tomamos táxis separados. Nosso motorista, um caboclo de bigodes, foi nos mostrando a cidade. Falou muito, ofereceu-nos distrações noturnas e eu perguntei se em Belém havia muitos pretos:

— Aqui, negro tem pouco. E os que tem, a gente não gosta. Estão espalhados nessas construções como pedreiros. São gente muito ruim.

Quando chegamos ao hotel, Odacir já completara sua ficha e se encaminhava para seu apartamento. Subimos para o nosso. Enquanto eu arrumava as roupas, meu pensamento voava. Nem ouvia as reclamações de Mamprin contra o calor. Eu me perguntava o que estaria acontecendo comigo: acostumado a viajar, ajo com naturalidade quando num hotel, avião ou restaurante. Agora, alguma coisa mudara. Dormi preocupado.

Às 9,30 da manhã, Odacir estava tomando café no restaurante do hotel. Às 10, saiu para dar uma volta sozinho, e às 11 estava de volta. Discutimos a viagem, o tratamento no hotel, comparando tudo com experiências antigas de Odacir. Ao meio-dia saímos para almoçar, em táxis separados. Um grupo de crianças pardas e negras, maltrapilhas, caminhando pela rua, me fez recordar uma das histórias contadas por Odacir. Perto daquelas crianças ele fora um privilegiado. Não passara fome, nem fora obrigado a perambular pelas ruas em busca de comida ou diversão. Mesmo assim, o fato de ser negro o transformava numa criança diferente. Morava num bairro onde brancos ou negros eram todos pobres, sofrendo as mesmas tristezas. Mas ele era negro:

— Dona Maria, mulher de um pedreiro, como minha mãe, com dois filhos, morava ao nosso lado. Ela nunca me tratou mal até que um dia, com os dois filhos ao lado, pediu que lhe fizesse compras na venda. Achei desafiro ela não mandar um de seus filhos e me recusei a atendê-la. Eu tinha 8 anos de idade e ouvi uma frase que iria se repetir, de uma maneira ou de outra, por toda a minha vida: "Negrinho atrevido. Estou lhe dando uma chance de ganhar um tostão e você não quer? Negro não presta mesmo. Não gosta de trabalho."

Sentamo-nos em mesas separadas no restaurante, o Avenida. Apesar de não ser o melhor de Belém, lá sempre estão os homens de negócios da cidade. Não houve reação diferente dos presentes em relação à nossa entrada — chegamos antes — e a de Odacir. Depois de algum tempo, porém, ouvi na mesa ao lado da nossa, fragmentos de conversa em que as palavras preto, negro e escuro entravam várias vezes. **segue**



## RACISMO CONTINUAÇÃO

As 14,30 horas estávamos a caminho do centro comercial de Belém. Eu e Mamprin juntos, Odacir separado. Combináramos comprar roupas, iguais, numa das lojas principais da cidade. Entramos com ligeira diferença de tempo na loja, pedindo a mesma coisa: calças de brim. Fomos atendidos com a mesma solicitude. Enquanto Odacir examinava uma calça, o caixeiro que me atendia aproximou-se dele, pelas costas, fez uma careta, dizendo:

— Então, mister, 'já escolheu? Me dê licença um instantinho que preciso desta calça para mostrar ao freguês.

### Na família

Depois das compras, dirigimo-nos ao escritório de um comerciante para quem eu trazia uma apresentação. Fomos recebidos por ele e seu filho, um engenheiro. Não poderíamos, sózinhos, penetrar mais fundo na sociedade local. Por isso, resolvêramos abrir o jôgo. Ouviram-nos primeiro curiosos e depois com superioridade, dizendo coisas que iriam se repetir sempre que falássemos em preconceito:

— Aqui vocês não irão encontrar nada. Ninguém liga para a cor da pele. Há negros juizes, médicos, comerciantes. Nas escolas, nos clubes, em todo canto, não existe discriminação. Os negros participam de tudo. No Pará, porque não há nem negros, nem brancos, nem índios puros, não existe discriminação.

Alongaram-se em citar professôres que são negros, amigos negros que têm e freqüentam sua casa:

— Aqui não existe preconceito, mesmo. Mas essa história de casamento entre um escuro e uma branca é que ninguém gosta. Não sei como eu próprio reagiria diante disso. Aliás, sei sim, eu não gostaria do assunto.

Enquanto o comerciante falava e seu filho aprovava, eu pensava em como as pessoas se enganam. Em Belém não existia discriminação, todos viviam na mais perfeita democracia racial. Mas nada de negro casar com branca. O negro era igual ao branco em tudo, menos para dormir com seus filhos!

A conversa continuava, com os dois tentando nos convencer da ausência de preconceito em Belém. Para encerrar o assunto, o comerciante-pai citou o caso de um juiz importante, um negro, que dera o nome a um doce. E explicou, ingenuamente, como era o doce:

— É feito de chocolate por fora e um creme branco por dentro. Chama-se Monteiro Lopes, o juiz mais bondoso que já apareceu no Pará.

Aquêlê juiz bondoso, para os paraenses, era "um prêto de alma branca". Isto é, o negro para ser bom tem que ter a alma de branco. Ouvindo os dois falar na frente de Odacir, eu não poderia acreditar que estivessem percebendo até onde iam seus preconceitos. Tratar o negro como ser inferior é tão natural que nem viam quando faziam isso. Enquanto falavam, eu olhava Odacir. Ele sorria. Seus olhos, por trás das lentes grossas, pareciam dizer:

— Está vendo o que é preconceito?

Ao se referirem aos negros, os comerciantes sempre usavam os termos "pessoas de cor", "escuros", "morenos". Nunca negro ou prêto. Perguntei por que e foi o pai quem explicou:

— Os negros não gostam de ser chamados de negros. É pejorativo.

Naquela mesma tarde saímos para os primeiros testes em colégios e maternidades. Odacir solicitaria vagas para transferência de seu filho e pediria reserva de lugar para sua esposa dar à luz. Pouco depois eu faria a mesma coisa.

O primeiro colégio que visitamos foi o Moderno, o melhor de Belém. Esperei cinco minutos parado na calçada, observando as colegiais que passavam, enquanto Odacir falava com o diretor. Entrei quando Odacir se despedia na porta da secretaria. Não houve problemas quanto à vaga para "meu filho". O diretor, um homem pequeno, jeito de funcionário público do interior, falante e caloroso, recomendou, porém, que eu esperasse o próximo ano para a matrícula, pois assim não atrapalharia os estudos do garoto. No carro, Odacir e eu comparamos o tratamento recebido e vimos que fôra idêntico. Nas outras escolas aconteceu o mesmo. Depois foi a vez das maternidades. Começamos pela Beneficência Portuguesa, a mais importante, e fomos caindo de nível. Em nenhuma houve hostilidade ou surpresa.

Eram 17 horas quando voltamos ao hotel. Eu estava mais animado. Quem sabe fôra uma impressão errada a que os comerciantes haviam me transmitido? Cansados e com sono — dormíramos apenas quatro horas — marcamos novo encontro para as 21 horas, na praça defronte ao Grão Pará.

Odacir já me esperava, quando descii. Muitas prostitutas faziam o "trottoir" na praça e ele já fora abordado por uma delas, que o achou com jeito de turista. A mesma mulher, mais tarde, abordada por um negro de Belém, deu tratamento diferente, depois de alguns minutos de conversa:

— Negro é assim mesmo. Só quer saber de sair com mulher de graça.

Nossas experiências continuariam em restaurantes e casas noturnas de Belém. Corremos vários. Não houve novidades. Na volta, no táxi, Odacir provocou o motorista, um negro:

— Aqui em Belém os brancos não gostam dos negros?

— Não. Aqui não tem disso. Com dinheiro, negro é igual a branco. Não tem diferença.

Às nove horas do dia seguinte, estávamos conversando com Isaac de Moraes, o cronista social mais importante de Belém, num encontro arranjado pelos nossos amigos comerciantes. Dissemos ao cronista que fazíamos uma reportagem sobre "Comportamento social das elites brasileiras", e que precisávamos participar de uma festa da sociedade local. Ele aceitou ajudar-nos.

Voltamos ao hotel e às duas horas da tarde saímos para uma entrevista com dona Maria da Cruz, uma negra, enfermeira numa das maiores maternidades da cidade. Ela foi categórica em suas opiniões:

— Aqui não há problemas. Me dou bem com as colegas, freqüentamos a casa uma da outra e nunca ninguém me disse nada. Com os doentes só encontrei complicações junto às pessoas muito ricas. Não dizem nada, mas os olhares e cochichos mostram seu desgosto em serem atendidas por uma pessoa mais escura que elas.

À noite nos preparamos para a festa que o cronista social nos arranjara. Seria no Clube do Remo, o mais importante de Belém, e quem nos convidava era o médico Newton Johnston e sua esposa, dona Maria José, para comemorar os 15 anos de sua filha Ângela. A loura que Mamprin conhecera no avião aceitara ir à festa conosco e às 22 horas estávamos entrando no salão.

Fomos recebidos na porta pela aniversariante e seus pais. Quando entramos no salão, as atenções voltaram-se para nós. Eu e Mamprin fomos para um dos cantos do salão, enquanto Odacir procurava onde sentar. Os convidados acompanhavam seus gestos, virando a cabeça à sua passagem. Não conhecíamos ninguém na festa: o cronista ainda não chegara. A maioria dos convidados eram jovens, mas havia muitos velhos. Estes eram mais surpresos e insistentes nos olhares a Odacir.

# “Aqui não existe preconceito, mas isso de casar negro com branco não pode ser”

Os jovens, depois de certo tempo, esqueceram-se d'êles. O que Odacir estava sentindo não deveria ser novidade para êle. Na mesa, êle comentava:

— Me sinto um bicho. Olhado, cheirado, analisado, sentido, dissecado. Não posso dar um passo, fazer um gesto, falar nada sem que me transforme em alvo de todo mundo. A enfrentar uma situação destas, o negro prefere não andar com brancas. Mas existem os que gostam disso. E se realizam sendo alvo das atenções, sem perceberem que êsse interesse nada mais é do que um hostil preconceito.

## Dia 18, Recife

Chegamos a Recife na sexta-feira antes do meio-dia. De acôrdo com nosso plano de trabalho, iríamos passar na capital de Pernambuco dois dias e meio. Resolvêramos fazer um teste diferente em Recife. Ao invés de Odacir registrar-se sôzinho no hotel, eu ficaria com êle e desta vez quem serviria de comparação seria Mamprin. Chegamos antes, eu e Odacir, registrando-nos como comerciantes de São Paulo. Deram-nos apartamentos quase vizinhos. Pouco depois de instalados, fui visitar Mamprin. Eu e Odacir estávamos num apartamento de fundo, pequeno, e o ar condicionado era deficiente. Mamprin estava num apartamento de frente, enorme, bem ventilado e com rádio. Naquela hora senti que junto com um negro o branco perde a consideração, transforma-se em negro também, isto é, recebe tratamento inferior a um branco. Saímos para almoçar. Às quatro horas voltamos satisfeitos. Tudo era igual par nós três. Odacir saiu para conhecer a cidade e falar com o povo. Voltou às oito da noite com o resultado de suas experiências:

— Quem mais me impressionou foi um engraxate. Êle falou sem parar durante todo o tempo que passou lustrando meus sapatos. Disse que em Recife o povo não liga para a côr da pele e que êle sentia-se bem com seus amigos. Enquanto êle falava, eu refletia que vivendo num grupo de nível econômico bem baixo, os preconceitos contra êle ficam diluídos pela igualdade de situação econômica (todos muito pobres). E como não tem acesso às camadas mais altas, não sente discriminação. Quando soube que eu era do Sul, o garôto comentou que aqui os negros estão “por baixo”, justificando a afirmação pelo fato de existir em São Paulo um clube só de negros. Em sua ingenuidade, êle sabia reconhecer as coisas.

Jantamos no melhor restaurante do centro da cidade, o Leite, onde não houve diferenças no tratamento entre nós. Às oito horas do dia seguinte, sábado, resolvemos testar os clubes esportivos da cidade. Depois que saímos do hotel em direção ao Náutico Capibaribe — famoso no passado pelo fato de não admitir negros nem em sua equipe de futebol — começou a chover. Aguardamos durante quase uma hora num bar, até que a chuva passasse. Enquanto esperávamos, conversamos com o empregado do bar, um jovem forte e de bigodes, e ouvimos suas opiniões sôbre preconceito:

— Em Recife somos todos irmãos. Eu não tenho nenhum preconceito. Minha noiva, mesmo, é morena. Não é muito escura, mas é morena e estou muito satisfeito com ela.

Enquanto êle se afastava, Odacir sorria e comentava:

— Não tem preconceito mas faz questão de dizer que sua noiva é prêta clara. E acha que faz favor namorando-a.

Fomos, separadamente, até a porta do clube e Odacir ficou conversando com o porteiro. Eu e Mamprin passamos por êle e esperamos no salão de festas. Pouco depois Odacir chegava:

— Não houve problemas. O Náutico está aceitando sócios negros, bastando para isso que comprem títulos. Vamos dar uma volta por aí.

Odacir foi na frente. As pessoas que estavam no clube, jogando futebol de salão, bola ao cêsto e na piscina olhavam-nos apenas com curiosidade. Saímos para almoçar na praia de Boa Viagem, no restaurante Castelinho.

Numa das mesas, seis homens discutiam negócios. Um d'êles, jovem, ficou encarando Odacir durante todo o almoço. Na saída, Odacir comentava:

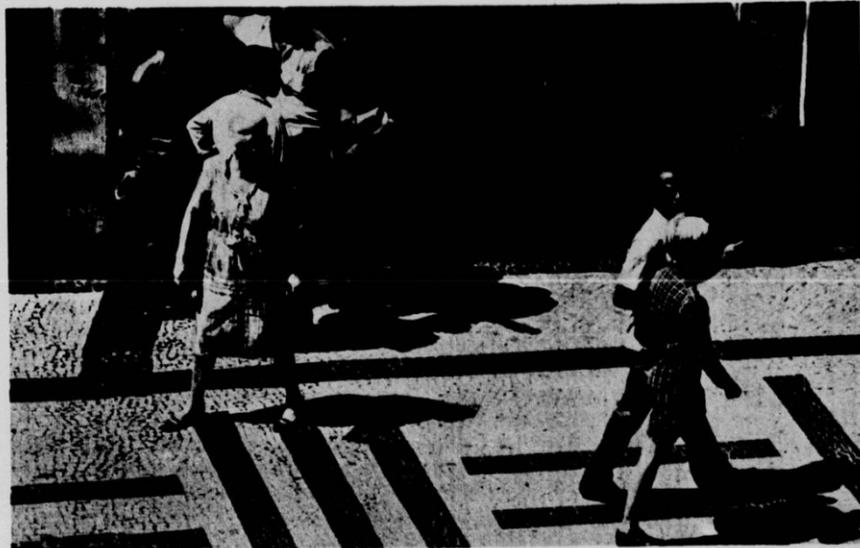
— Êsse tipo de olhar sempre quer dizer: “o que é que êste negro metido quer aqui, um lugar só de branco?”

Voltamos à cidade, compramos um jornal e saímos para alugar casa, arbitrariamente, na praia e no centro da cidade, e tentaríamos alugar os imóveis anunciados. Rodamos por vários bairros e em nenhum prédio houve diferença de tratamento. Fomos para a praia, a mesma coisa.

## Na universidade

De volta ao hotel, eu e Odacir fazíamos um balanço das experiências. Depois de muito discutir, chegamos à conclusão de que deveríamos aprofundar nossas pesquisas e para isso procurar os estudantes. Às nove horas da manhã, estávamos sendo recebidos por uma jovem loura e gordinha na Casa da Universitária do Recife. Ela prontificou-se a ajudar-nos e levou-nos para uma sala ampla, que aos poucos foi se enchendo de garôtas. Selma Tânia e Noêmia, que vivem em Recife há vários anos, estavam junto de Mamprin. Foram aceitando tôdas as situações de convivência com negros colocadas por êle, até que sugeriu a hipótese de casamento de uma delas com um prêto. Noêmia, falando baixo para Odacir não ouvir, confessou:

— Está tudo muito certo. Mas êsse negócio de uma branca casar com um negro é quase impossível. Se eu tivesse uma filha não a deixaria fazer isso. Mesmo que a môça gostasse de um negro, ela não conseguiria transpor e vencer o patriarcalismo. Teria de escolher entre ser expulsa da família e viver sôzinha com seu marido, ou submeter-se à vontade de pais e irmãos com as facilidades de viver com o apoio da família como recompensa. Não há outra saída. SIGUE



O espanto é de homens, mulheres, jovens ou velhos.



## RACISMO CONTINUAÇÃO

Selma Tânia virou-se para Mamprin e completou: — Não acho que o problema seja somente a cor da pele. Normalmente, quando a gente pergunta para uma branca porque ela se casou com um negro, ela responde que foi por causa de dinheiro. Por isso eu acho que os pais reclamam mas aceitam um negro na família se ele for rico. Um negro com dinheiro deixa de ser negro!

Margarida contou a Odacir como eram as coisas nos clubes esportivos:

— Eu e meu noivo somos sócios do Náutico. Mas para ele entrar no clube deu um bôlo danado. Não queriam deixar e só depois de muita briga é que conseguiu. Mesmo assim, lá dentro, a gente sente a resistência dos associados. O senhor entende? São coisas que não são ditas, mas a gente sente nos olhares, nos gestos. E meu noivo não é muito escuro.

Tita, moreninha da Paraíba, estava, com outras môças, ao meu lado. Ela somente se referia aos negros como "escuros". Pouco depois dizia que Odacir "não tem o cabelo muito ruim", concluindo:

— Tem até traços de branco!

Suas companheiras começaram a rir, mas não a criticaram. Odacir olhou para mim sério e eu entendi: para aceitar o negro, o branco atribui-lhe características suas, de branco.

Ficamos junto com as môças até meio-dia. Lanchamos e chegamos à Casa do Estudante do Recife, masculina, às 13 horas. Entramos e explicamos a um rapaz branco os objetivos de nossa visita: queríamos falar com estudantes negros.

Ele nos apresentou a um negro, cabelos lisos, estudante de medicina. Depois foi convidar outro negro alto e magro, estudante de arquitetura. Junto chegaram uns 30 estudantes brancos. O estudante de medicina foi o que falou primeiro. Disse que não encontrava resistências e vivia normalmente com os brancos de Recife. À medida que falava, recebia a aprovação dos estudantes brancos ao seu redor. Todos concordavam com ele e citavam exemplos de integração em Pernambuco. De repente, um jovem alto, de óculos, mulato, atravessou a roda de estudantes e parou à nossa frente. Sua atitude era de expectativa e hostilidade. Fiz-lhe uma pergunta direta:

— Você que é negro, acha que existe preconceito racial em Recife?

Quase somente ele falou dali para frente. Estudava engenharia, e podemos resumir o que disse no seguinte:

— O negro em Pernambuco não é considerado gente. Em todos os ambientes —, desde o clube até a família — encontramos resistência para poder viver da mesma maneira que um branco comum. Eu dou aulas num colégio aqui de Recife. Sou professor de meninas ricas e brancas. Ali, na sala de aula, elas fazem observações desairosas e só me respeitam hierarquicamente, não como ser humano. Há uma professora negra na faculdade de engenharia que leciona cálculo. É uma das maiores autoridades na matéria, no país. Os alunos, porém, não a chamam pelo nome. Somente dizem: "Agora é a aula da negra". De uns tempos para cá, os clubes aqui de Recife passaram a aceitar negros — menos o Internacional — mas somente os negros que têm muito dinheiro. No entanto, dentro do clube, depois de aceito, eles ficam no gelo. Nas casas de família a coisa não muda muito. Quando estou apenas com a família, o tratamento chega a ser afetuoso. No entanto, quando há pessoas estranhas, eles esfriam e me colocam na posição de onde não posso sair: a de negro.

À medida que falava, discutia agressivamente com os estudantes brancos que se opunham às suas opiniões, o jovem negro citava fatos e pessoas para comprovar o que dizia. Depois de algum tempo, os que haviam concordado com as

opiniões do estudante de medicina — não existia preconceito em Pernambuco — passaram-se para o outro lado, apoiando as afirmações do estudante de engenharia. Como último recurso, o aluno de medicina perguntou se os negros não eram bem tratados ali, na Casa do Estudante. Recebeu resposta definitiva do estudante de engenharia:

— É claro, eu também sou bem tratado. Mas somente somos amigos dos brancos no ambiente universitário. Fora daqui ninguém quer nada conosco.

Estávamos quase nos retirando — eram quatro horas e nosso avião partia às cinco para Salvador — um dos estudantes brancos chamou-me de lado:

— Acho bom vocês não mexerem com esse assunto. A gente sabe que existe preconceito. Mas se falarmos muito nisso a coisa aumenta e é capaz de explodir.

Essas mesmas palavras eu iria ouvir mais tarde em Salvador, São Paulo, Rio e Porto Alegre. Entre os negros, somente os mais velhos tinham essa posição. E Odacir explicava por que:

— Conservadores e aceitando o lugar que os brancos lhes destinam na escala social, eles não querem mexer no problema com medo que ele se agrave e eles sofram mais.

Eu sabia que os brancos, por seu lado, sentem-se envergonhados com o preconceito. Não querem mostrar que através de atitudes encobertas e disfarçadas eles privam milhões de pessoas de viver como gente. E mais: não querem tocar no problema com medo de que ele se agrave e se transforme em luta aberta. Esses negros e brancos se esquecem, porém, que os problemas não discutidos não se resolvem.

## Dia 20, Salvador

Em Salvador às 20 horas. Resolvemos nos hospedar no Hotel da Barra, em dois apartamentos: eu e Mamprin juntos, Odacir sozinho. No táxi para a cidade eu sentia sensações estranhas. Estivera muitas vezes em Salvador, mas agora tudo parecia diferente. Eu via os carregadores no aeroporto, o motorista de táxi, as pessoas que passavam nas ruas com outros olhos. Os negros, principalmente.

Odacir entrou no hotel quando estávamos subindo com as malas para nosso apartamento. Fiquei no saguão observando. O recepcionista vacilou alguns momentos e fechou o rosto quando viu Odacir. Ouvi, então o seguinte diálogo:

— Infelizmente não temos mais vagas.

— Mas marquei encontro com alguns amigos aqui. Preciso de um apartamento. Não tem jeito?

— Infelizmente não. Temos um apartamento, mas está com defeito. Amanhã o senhor telefona para ver se já vagou algum.

Não falou mais nada e chamou um mensageiro para carregar as malas de Odacir até a porta. Nós combináramos que se ele não conseguisse hospedar-se, iria para o Hotel Oxumaré. Pouco depois, Odacir nos telefonava e marcamos encontro para jantar. Ele estava sendo atendido pelo garçom quando chegamos e sentamos ao seu lado, na mesma mesa.

— Tudo bem, aqui e lá no Hotel Oxumaré. Somente houve curiosidade, nada mais.

## Na escola infantil

No dia seguinte, depois do almoço, saímos para testar os colégios de Salvador. Visitamos ginásios, grupos escolares, escolas maternas. Rodamos praticamente toda a cidade sem encontrar nenhuma resistência para Odacir matricular seus filhos. No último deles, Escola João e Maria, a diretora

# Negro e branca de braços dados: curiosidades, risos, cochichos, hostilidades

recebeu Odacir com toda a cordialidade, um sorriso nos lábios, gentil:

— Lamentavelmente não posso atendê-lo. Não tenho mais vagas. Porém, vou fazer-lhe um bilhete apresentando-o à diretora de outra escola. Um momentinho.

Ela retirou-se e entregou o seguinte bilhete a Odacir: "Ame-linha. Boa tarde. Este senhor está sendo transferido de São Paulo e o filhinho dêle precisa ir ao J. da Infância. Como não tenho mais vaga (êle não faz questão de horário) mando-o conversar com você. Um abraço, Lena. PS. O garoto tem cinco anos e já está frequentando jardim."

Odacir apanhou o bilhete e saiu. Eu entrei na escola tranqüilo. Quem me atendeu foi uma garôta, a secretária. Disse o que queria — exatamente a mesma coisa que Odacir. Estava sendo transferido do Rio e queria matricular minha filha de cinco anos no Jardim da Infância. Ela chamou a diretora. Sorriu muito, consultou a lista de matrícula e concluiu alegre:

— O senhor tem sorte. Ainda tenho vagas. Quer fazer a matrícula já?

Disse que sim, paguei NCr\$ 60,00 da taxa de inscrição e saí. Estava irritado. No carro, conversando com Odacir eu lhe disse não entender como alguém, cuidando de crianças, podia fazer discriminações. Ele me olhava calmo, como alguém acostumado a essas coisas. Ouviu todos os meus desabafos e depois comentou um episódio que se passara com êle quando era aluno da terceira série do curso básico, na Escola de Comércio Castro Alves, de São Paulo:

— O diretor da escola, Castorino França, entrou na classe para falar de democracia. Depois das palavras iniciais, olhando para mim fixamente, disse que "não pode haver exageros. A democracia é boa, mas está havendo uma mistura no Brasil que ninguém mais entende. Ninguém mais reconhece seu lugar e todos querem ser doutor."

Voltamos ao hotel. Eram quase seis horas da tarde. Entramos, eu e Mamprin, pedindo para trocar de apartamento. Conseguimos o que queríamos. Odacir chegou meia hora depois e pediu a vaga prometida. Obteve a mesma resposta. Para êle, o hotel continuava lotado. Pediu para falar conosco e subiu. Nem bem chegara, o telefone tocou:

- Senhor Narciso?
- Sim?
- Aquêlê rapaz que deseja um apartamento ainda está aí?
- Sim.



Mas nem sempre o olhar é de espanto; há desaprovação.

— Diga a êle que conseguimos arranjar-lhe um. Obrigado.

O recepcionista já me conhecia, sabia que eu era jornalista e quando sentiu a possibilidade de um "caso", resolveu ceder. Naquela mesma noite, Odacir hospedou-se no Hotel da Barra. Às 20 horas, saímos para entrevistar Carlos Sena, um capoeirista negro.

Alto, elegante, bem falante, gesticulando sempre, Carlos Sena não tem papas na língua e vai direto aos assuntos:

— Sofri muito quando era rapaz. Sofri tanto que fiquei revoltado. Vou dar só um exemplo. Nos dias de festa — Carnaval, Ano Bom, etc. — todos os meus amigos, eram brancos na maioria, iam para seus clubes, com suas namoradas. Eu não tinha para onde ir porque não me deixavam entrar nos clubes de brancos. Meu pai estava bem, economicamente, e eu, na faculdade, normalmente, tinha amigos brancos. Era meu ambiente, mas somente podia vivê-lo na rua, ou nos prostíbulos. Nunca na família ou nos clubes dos brancos. Já ouvi muitos dizerem que sou um negro metido a bêsta. Para me impor, às vezes sou obrigado a ser violento. De outra maneira não sou respeitado. No meu prédio, por exemplo, o porteiro trata a todos os inquilinos de "senhor". Eu era "você", até que achei ruim e ameacei agredi-lo. Namoro quase sempre môças brancas, porque êsse é o meio onde vivo. Os negros acham isso ruim. Os brancos também e às vezes sofro por causa disso. Fui namorado de uma môça branca. Queria casar, mas quando os pais descobriram, forçaram-na a desistir.

Saímos para jantar às 23 horas, numa cantina, onde tudo correu tranqüilamente. Na mesa, Odacir comentou:

— Quer ver uma prova de que no Hotel da Barra prêto não entra? Agora, enquanto esperava o elevador, escutei a conversa de um copeiro com a governanta. Êle, depois de me ver passar e julgando que já tivesse me afastado, disse a ela: "Êste hotel também já está relaxando."

Na tarde do outro dia, testamos maternidades e casas de saúde e em tôdas o tratamento dispensado a mim e ao Odacir foi idêntico. Às 17 horas, dirigimo-nos para a agência do SESI em Salvador. Fomos apresentados a uma jovem negra que sairia comigo e a uma loura que se recusou a sair com Odacir para o teste dos casais mistos. Saímos do SESI para procurar outra loura. Outra recusa. Mais tarde, soubemos que esta última namorara um negro mas se envergonhava de passear com êle e deixou-o. Acabamos conseguindo uma.

No dia seguinte, Mamprin instalou-se no segundo andar de uma livraria, na praça da Sé.

Parado na praça, defronte a um ponto de ônibus, camisa esporte, eu não despertara a atenção de ninguém. Quando minha companheira de teste chegou e começamos a andar de braço dado, senti-me alvo das atenções gerais. Os velhos, principalmente os negros, é que olhavam com maior insistência. Em alguns, senti hostilidade. Um dêles, mais claro, com um guarda-chuva na mão, parou, olhou, andou, tornou a parar, a olhar, e pareceu que ia me agredir. Ficamos parados no ponto de ônibus. Todos, dentro do veículo, nos olhavam. Eu nunca me sentira assim.

Tornamos a andar e paramos diante de dois rapazes negros. Êles conversavam tranqüilamente até que perceberam nossa presença. Então, calaram-se, olharam e começaram a cochichar e rir. Pouco depois, interrompíamos a experiência. Odacir ia começar a dêle.

Procedeu exatamente como eu. Saiu de braço e logo uma loura olhou-os insistentemente, com pouco caso. Um grupo de jovens estudantes, entre os quais algumas negras, passou por êles.

segue



## RACISMO CONTINUAÇÃO

Olharam quase todas ao mesmo tempo para trás, cochichando e rindo. As pessoas que estavam no ônibus olhavam com insistência. Um casal de negros, nas proximidades, não despertava a atenção de ninguém. Eu estava chegando a uma triste conclusão: um branco com uma negra, ou um negro com uma branca, somente despertam curiosidade porque são considerados anti-sociais, não ficam cada um em seu lugar. E mais: as pessoas sempre descobrem intenções escabrosas ou interesse financeiro quando um branco namora com uma negra ou um negro sai com uma branca.

### Dia 23, São Paulo

Depois do almoço, embarcamos com destino a São Paulo, nova etapa de nossa reportagem. Chegamos às 20,30 horas a Congonhas, e Odacir foi hospedar-se no Hotel Jaraguá, um dos mais importantes da cidade. Entrou, pediu um apartamento. A resposta do recepcionista foi imediata:

— Só temos "suites". Custam 66 mil cruzeiros.

Odacir aceitou:

— Preciso ficar. Marquei encontro com uns amigos aqui.

Depois de preenchida a ficha, o recepcionista recuou:

— Desculpe. Ainda tenho um apartamento simples. Havia me esquecido dêle.

Odacir subiu, deixou as malas no apartamento e desceu.

Fomos jantar no Paddock, restaurante no centro da cidade. Odacir entrou antes. Cinco minutos depois, cheguei. Ele tomava uma dose de uísque. Cumprimentei-o e sentei-me ao seu lado. Logo o garçom aproximou-se oferecendo um aperitivo. Aceitei. Pouco depois, notei o maitre à distância. Odacir olhou-o fixamente, êle desviou o rosto. Sorriu para mim, cumprimentou-me e aproximou-se:

— Vão jantar já?

Transferira para mim a iniciativa na mesa, embora Odacir

já estivesse sentado quando cheguei. Estávamos vestidos da mesma maneira. Mas nossa pele era diferente!

No dia seguinte, quinta-feira, apanhei Odacir às nove horas na porta do Hotel Jaraguá. Alugáramos um automóvel para executar os testes mais rapidamente, e saímos para procurar empregos. Recortamos alguns anúncios do jornal "O Estado de S. Paulo". Em tôdas as firmas que visitamos não houve hostilidade. Os funcionários do departamento de pessoal nos recebiam com um sorriso profissional e mandavam-nos preencher fichas com nossas qualificações.

Odacir passou tôda a sua vida em São Paulo. Antes de ser jornalista trabalhou em escritórios, oficinas, bancos. E sobre empregos, e a maneira de um negro consegui-los, êle tem experiência:

— A discriminação é sutil e quase não surge na hora do negro ser admitido no emprêgo. Os empresários já aprendem que isto pode trazer complicações fazendo projetar uma imagem negativa sobre suas firmas. O preconceito começa a se manifestar quando, já aceito no emprêgo, o negro procura fazer carreira. Nos bancos, por exemplo, dificilmente se encontra um gerente ou caixa negro. A maior empresa de ônibus de São Paulo não tem motoristas negros em suas linhas de longo curso. Nas companhias de aviação não existem tripulantes negros. Nas lojas de comércio, de primeira categoria, avenida Paulista, rua Augusta, praticamente não existem balconistas negros. Em conclusão, quando não são afastados diretamente — "seu teste não foi bom" ou "a vaga já foi preenchida" — o negro marca passo na carreira que abraça, sem conseguir subir.

Almoçamos em uma cantina da rua 13 de Maio, ainda separadamente, e não houve problemas. À tarde saímos para procurar apartamentos e casas para alugar. Nosso tempo era curto e escolhemos três anúncios: um no Ipiranga, outro em Perdizes e o terceiro na Consolação. Obtivemos as mesmas respostas para as mesmas perguntas e nos foram feitas as mesmas exigências. Comentando os resultados de nossa experiência, chegamos à conclusão de que a concorrência faz com que os proprietários de imóveis se prendam somente ao fato concreto das possibilidades financeiras. Em última análise, não importa se o inquilino é branco ou preto; importa se êle tem condições de pagar aluguel no fim do mês. Odacir, porém, tinha um comentário:

— Mas se um negro desejar visitar um amigo num prédio de apartamentos, é tratado como um marginal. O porteiro quer saber aonde vai, o que vai fazer, quando não o manda subir pelo elevador de serviço. Um branco, nas mesmas condições, não dá nenhuma satisfação.

A noite saímos para testar as casas noturnas de frequência média. Fomos ao Vogue e ao La Vie en Rose, o primeiro na praça Roosevelt e o segundo na rua Major Sertório. Odacir caminhava na frente, eu logo atrás. Os porteiros convidam os que passam, acenando com mil atrações. Adotam até uma posição de subserviência. Mas não para um negro. Odacir passava despercebido. Eu recebia um convite em cada porta.

### Na boate

Entramos no Vogue. Estava lotado. Odacir sentou-se sozinho. Era o único negro ali dentro. As prostitutas do Vogue espalhavam-se desde o bar da entrada até as mesas do fundo do salão. Sentei-me numa mesa próxima à de Odacir. Pedimos bebidas e ficamos observando alguns casais que dançavam. Odacir fez sinal a uma morena de cabelos longos, convidando-a para dançar. Ela ignorou-o. A mesma mulher come-



Homem doente na rua: as atenções variam conforme a cor.

# Negro passando mal na rua: "Êles vivem bebendo"; um branco: "O sr. está doente?"

çou a olhar-me fixamente. Chamei-a, sentou-se ao meu lado. conversamos longamente sôbre vários assuntos e eu a provoquei, olhando para Odacir:

— Vem muito negro aqui?

— Quase nunca.

— Você já saiu com algum?

— Não saio por dinheiro nenhum. Tem umas mortas de fome que saem. Algumas taradas até gostam. Eu não. Eu escolho as pessoas.

No La Vie en Rose, de freqüência mais baixa, logo à entrada uma garôta branca dependurou-se no braço de Odacir.

No carro, quando voltávamos, contei a Odacir o que dissera a garôta do Vogue. Ele ouviu calado, silencioso, e depois comentou:

— Sentimentalmente, o preconceito não me afeta. Acho que o branco tem todo o direito de não gostar de mim como pessoa. Assim como eu tenho o direito de não gostar dêle. Não vou, por isso, me incomodar com as opiniões de uma prostituta que pode não querer dormir com um negro, nem com o fato de o dono de um hotel ou boate barrar minha entrada. Tenho de desenvolver minha luta num plano mais elevado. O preconceito e a discriminação prejudicam minha vida profissional, cultural, familiar, e sinto que devo lutar. Mas não contra as manifestações do preconceito, e sim contra as causas que lhe deram origem. Eu não me sinto humilhado por opiniões como a desta mulher. Mas isto junto a todos os outros tipos de discriminação limitam a vida de um negro a um nível bastante baixo, do qual êle dificilmente pode sair.

Na manhã de sexta-feira, saímos para testar as escolas. Ninguém estranhou Odacir quando êle entrou no Instituto Mackenzie. Na secretaria, foi bem recebido e disse o que desejava: transferir seu filho, cursando a segunda série ginasial em Ribeirão Prêto, para São Paulo, onde passaria a residir. Atencioso e formal o secretário da escola ouviu-o. Consultou uma lista, virou-a, revirou-a e perguntou:

— Foi o senhor que telefonou?

— Não.

Passaram-se alguns minutos, durante os quais o secretário voltou à lista muitas vêzes. Impassível, Odacir esperou a frase que já adivinhava:

— Sinto muito, mas não temos vagas. Se o senhor quiser, volte no ano que vem. Faça a inscrição em dezembro e aguarde a resposta. Desculpe.

Odacir saiu e paramos num bar para telefonar. Eu falei:

— É do Instituto Mackenzie? Quería falar com a secretaria do ginásio.

— Um momento.

— É da secretaria? Por favor, queria saber se há vagas para o segundo ano ginasial. Meu filho estuda no Colégio de Aplicação da Bahia e como vou morar em São Paulo, queria transferi-lo para o Mackenzie.

— Um minutinho. Alô? Se o senhor vier antes do fim do mês, nós damos um jeito. Depois de setembro é impossível.

Depois do Mackenzie fomos ao Colégio Assunção, só para garôtas. Odacir foi na frente. A môça o atendeu, na portaria, e não conversou muito:

— Infelizmente não temos vaga.

— Para o ano que vem é possível?

— O senhor deve voltar em dezembro, inscrever sua filha e deixá-la fazer um teste. Se fôr aprovada, não há problemas.

No mesmo dia foi a minha vez. A môça recebeu-me com um sorriso. Ouviu minha história atentamente e mandou-me esperar enquanto consultava a diretora da escola. Demorou-se alguns minutos e voltou com expressão pesarosa:

— Infelizmente não é possível. Estamos no meio do segundo semestre e a menina não iria aproveitar o curso. É melhor o senhor deixar para o ano que vem. Volte em dezembro para fazer a matrícula.

Testamos mais três colégios onde tudo correu normalmente, e resolvemos testar maternidades. Formais, atenciosas e eficientes, as recepcionistas das maternidades e hospitais nos receberam igualmente.

## Na rua

A tarde, encontramos-nos com Mamprin, para o teste da solidariedade humana. O ponto escolhido foi a praça da Sé, por sua grande concentração humana e pelo fato de por ali passar gente de tôdas as categorias sociais. Às 4,30 hs. da tarde, Mamprin já estava em seu pôsto: o quarto andar do n.º 47, defronte à Caixa Econômica Federal. Odacir faria o seu teste junto a um poste, na ponta da calçada.

De paletó e gravata, estava vestido exatamente como eu. Contorceu-se, agarrou-se ao poste, tirou o lenço do bolso, abriu o colarinho. Deixava evidente estar sofrendo um mal-estar. Passaram por êle um guarda-civil, môças, rapazes negros e brancos. Alguns olhavam e sem nenhuma alteração no rosto continuavam sua caminhada. A maioria, porém, nem olhava, como se um homem passando mal não alterasse em nada a paisagem diária da cidade. Passados sete minutos, Odacir desistiu: começou a "melhorar" e retirou-se. Esperei outros cinco minutos e fui fazer a minha parte.

Parei junto à parede, apertei os olhos para que lacrimejassem e comprimi o peito. Comecei a respirar ofegante. Em dois minutos ouvi o primeiro comentário:

— Deve estar passando mal.

Levantei os olhos. Dois homens bem vestidos olhavam-me, falavam, mas não se aproximavam. Um rapaz negro, com uma pasta na mão, aproximou-se e pegou-me no braço, perguntando:

— O senhor está passando mal?

Enquanto eu explicava o que estava sentindo, os dois homens bem vestidos se aproximaram, afastaram o negro e perguntaram aflitos:

— O que é que o senhor está sentindo? Quer que chame-mos um médico?

Eu disse que não era nada, apenas uma tontura. Levaram-me para um bar, não me deixaram pagar a água mineral que tomei para "me recuperar".

Encontrei Mamprin na porta do edifício, ao lado de Odacir. Êle também tinha coisas para contar:

— O dono do escritório, um português, não colocou problemas e deixou-me fotografar de sua janela. Disse-lhe estar fazendo uma reportagem sôbre a cidade. Quando comecei a fotografar o Odacir, êle aproximou-se perguntando se eu estava "a sacar fotos daquele negro, ali". Quando eu disse que sim, comentou: "é muito comum negros bêbados por aqui não gaste chapas com êle, não". Mais tarde, quando fotografei a sua experiência, êle perguntou se eu estava "a sacar fotos daquele senhor doente".

Estava explicado, e muito bem explicado, por que Odacir não fôra atendido. Êle era, para todos que passavam, brancos ou negros, apenas um bêbado, pois prêto não fica doente.

No dia seguinte, faríamos o teste dos casais em dois lugares diferentes: na rua São Luís, esquina com avenida Ipiranga, e na rua Santa Teresa, esquina com a praça Clóvis Beviláqua. Às 10 horas, Mamprin já estava com sua telescópica no terraço do edifício Itália.

SEGUR



## “Branco só quer negra para usá-la, nunca para fazer dela sua espôsa”

### RACISMO CONTINUAÇÃO

Olhando o relógio, aproximei-me da esquina marcada. Parei e logo depois chegou a jovem que aceitara auxiliar-nos na reportagem — uma negra que trabalha na televisão. Quando a cumprimentei e beijei-lhe o rosto, homens e mulheres que passavam nos olharam com certo espanto. Passeamos de mãos dadas durante 15 minutos, rindo e conversando como dois namorados. As fotografias de Mamprin são mais eloqüentes que qualquer narração. Cochichos, cutucões, olhares, principalmente dos mais velhos. Teresa comentava as reações:

— O branco somente procura a negra para usá-la como objeto sexual, nunca para fazer dela sua espôsa. São raros os casos de brancos casados com negras. Os que conheço são colocados de lado tanto pelos negros como pelos brancos, que vêem nisso uma espécie de traição à raça.

Afastamo-nos e logo depois apareceu Odacir para repetir a mesma experiência com a jovem branca que também concordara em nos ajudar — uma jornalista. Observando a experiência de Odacir, eu percebia irritação, inveja, quase ódio em certos olhares. Alguns chegaram a parar e ficar olhando ostensivamente na direção dos dois, parecendo querer um simples pretexto para manifestar sua desaprovação. Mais

tarde, notamos as mesmas reações na rua Santa Teresa. Os funcionários de uma loja comercial não se contiveram. Os que estavam na porta chamaram os que estavam lá dentro para ver o fenômeno. Ficaram comentando, rindo, cochichando. Odacir sabe o que acontece:

— Antigamente, no tempo da escravidão, o branco tinha tôdas as mulheres negras que quisesse. O negro não podia jamais olhar para uma branca. Isso se reflete até hoje, pois o branco acha que o negro não tem nenhum direito de sair com uma branca.

Depois do almoço, sábado à tarde, era a vez dos clubes esportivos. Escolhemos dois de classe média: Tietê e Palmeiras. Nos dois é necessário apenas comprar um título para ser aceito como sócio. Chegamos às três horas ao Tietê, e Odacir atravessou a rua enquanto eu e Mamprin ficávamos do outro lado, observando. Conversou com o porteiro e depois dirigiu-se a uma porta logo na entrada. Voltou em poucos minutos, e veio ao nosso encontro:

— A campanha para sócios está encerrada e as visitas ao clube foram suspensas por ordem da diretoria. SEQUE

### BRASIL, 1970 — NEGROS E MULATOS SERÃO 40%

Entraram no Brasil, desde o início da colonização portuguesa, no século XVI, até o século passado, três milhões e quinhentos mil negros africanos. Foi a agroindústria do açúcar, em Pernambuco, que atraiu os primeiros escravos. Pedro Calmon, historiador, diz que o primeiro navio negreiro aportou no Brasil em 1516, vindo de Angola. Só em 1550 é que há uma importação legal da mercadoria escrava que chega à cidade de Salvador. Em 1559, o capitão da ilha de São Tomé recebe um alvará ordenando que cada senhor de engenho importasse até 120 escravos do Congo. Onze anos depois, diz Capistrano de Abreu, 65 engenhos de Pernambuco e da Bahia já contavam com mais de três mil escravos.

Com a decadência da lavoura açucareira, a mineração em Minas Gerais e São Paulo, e a pecuária no Sul do país passaram a ser os motivos para a intensificação da compra de negros. Segundo Maurício Goulart, outro historiador, desde o início do tráfico, até fins do século XVIII, a entrada de negros chegava a dois milhões e 250 mil. No século XIX, é o café sobretudo que exige a vinda de escravos.

Em 1817, o tratado de Viena estabelecia a abolição universal do tráfico. Nove anos depois, no Rio de Janeiro, Brasil e Inglaterra assinavam um acordo: “Não será lícito aos súditos do Império do Brasil fazer o comércio de escravos na costa d’África.” O tráfico termina, de fato, em 1852. Em 1848 ainda entram 60 mil escravos; 54 mil em 49; 3.287 em 51 e 700 em 1852.

Em 1871 os filhos de escravos são considerados livres. Pouco a pouco a imigração de europeus vai substituindo os negros. Entre 1880 e 1890 entram mais de 223 mil imigrantes. A 13 de maio de 1888

a Princesa Isabel assina a Lei Áurea. São dois artigos. O primeiro: “É declarada extinta a escravidão no Brasil.” O segundo: “Revogam-se as disposições em contrário.” Neste dia, 800 mil escravos são considerados livres.

#### Dados demográficos

População mundial, dados de 1962:

Branços: 1.500 milhões.

Amarelos: 800 milhões

Negros: 100 milhões

População total do mundo, dados de 1965: 3.285 milhões.

#### População do Brasil

Censo de 1950, último onde há discriminação por cor.

		comparando com 1940:
Total:	51.944.397	41.236.315
Branços:	32.027.661	26.171.778
Prêtos:	5.692.657	6.035.869
Amarelos:	329.082	242.320
Pardos:	13.786.742	8.744.365

(As proporções de prêtos e pardos, nos dois censos, mostram que, gradativamente, em virtude da miscigenação, os prêtos se tornar pardos.)

População do Brasil, em 1970 (A projeção é obtida multiplicando-se os dados de 1940 por 2).

Branços: 52 milhões

Negros: 12 milhões

Pardos: 17 milhões

Amarelos: 500 mil

Total: 81 milhões e 500 mil

(A soma de negros com pardos, nesta projeção, atingirá 29 milhões, ou seja, 40% do total.)



## No clube, um fica logo sócio; o outro não pode nem visitar

### RACISMO CONTINUAÇÃO

Aguardamos um pouco, e foi a minha vez. Conversei com o porteiro e ele estendeu-me um folheto com o plano de venda de títulos. Consegui maiores esclarecimentos na tesouraria e voltei ao porteiro. Ele estava de costas quando perguntei:

— É possível visitar o clube?

— Já lhe disse que as visitas foram suspensas...

Enquanto falava foi se virando para mim, sorriu e desculpou-se:

— Pensei que era outra pessoa. O senhor pode falar ali no guichê e visitar o clube quando quiser.

— Precisa de apresentação?

— Não. O senhor somente diz que deseja ficar sócio e é fácil.

No Palmeiras não houve problemas. Nessa noite fomos ao baile do Som de Cristal. É uma "gafieira" onde se encontra

gente de todos os tipos: tímidos e exibicionistas; prostitutas e empregadas domésticas; estudantes e funcionários públicos; brancos, negros, mulatos, japoneses. Conversando com frequentadores, descobre-se que há uma certa rivalidade entre brancos e negros na disputa das mulheres. Uma loura, namorada de um negro, me dizia:

— As môças negras preferem os brancos quando estão querendo aparecer. Eles têm mais dinheiro e elas se sentem importantes ao seu lado. Quase sempre, se tiver de escolher entre um branco e um negro, a negra prefere o primeiro.

Na noite seguinte, saímos para testar as boates finas de São Paulo. Uma loura, nossa amiga, prontificara-se a acompanhar Odacir. Visitamos quase uma dezena de boates e somente numa delas — chamada "Tonton Macoute" — surgiu o problema.

SEGUIE

### ESTA LEI PUNE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Como presidente da República, Getúlio Vargas sancionou. É bem verdade que custou a fazê-lo. Questões políticas. Não interessava ao PTB, partido do governo, contribuir para que um deputado da UDN de Minas e na oposição recebesse tôdas as honras. A lei que pune a discriminação racial no Brasil leva o nome de seu autor: Afonso Arinos.

"Lei n.º 1.390 — de 3 de julho de 1951

Inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou côr.

O Presidente da República:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º — Constitui contravenção penal, punida nos termos desta lei, a recusa, por parte de estabelecimento comercial ou de ensino de qualquer natureza, de hospedar, servir, atender ou receber cliente, comprador ou aluno, por preconceito de raça ou de côr.

Parág. único — Será considerado agente da contravenção o diretor, gerente ou responsável pelo estabelecimento.

Art. 2.º — Recusar a alguém hospedagem em hotel, pensão, estalagem ou estabelecimento da mesma finalidade, por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de três meses a um ano e multa de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) a Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros).

Art. 3.º — Recusar a venda de mercadorias em lojas de qualquer gênero, ou atender clientes em restaurantes, bares, confeitarias e lojas semelhantes abertos ao público, onde se sirvam alimentos, bebidas, refrigerantes e guloseimas, por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de quinze dias a três meses ou multa de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).

Art. 4.º — Recusar entrada em estabelecimento público, de diversões ou esporte, bem como em sa-

lões de barbearias ou cabeleireiros por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de quinze dias a três meses ou multa de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).

Art. 5.º — Recusar inscrições de aluno em estabelecimento de ensino de qualquer curso ou grau, por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de três meses a um ano, ou multa de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros).

Parág. único — Se se tratar de estabelecimento oficial de ensino, a pena será a perda do cargo para o agente, desde que apurada em inquérito regular.

Art. 6.º — Obstar o acesso de alguém a qualquer cargo de funcionalismo público ou ao serviço em qualquer ramo das Forças Armadas por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Perda do cargo, depois de apurada a responsabilidade em inquérito regular para o funcionário dirigente da repartição de que dependa a inscrição no concurso de habilitação dos candidatos.

Art. 7.º — Negar emprêgo ou trabalho a alguém em autarquia, sociedade de economia mista, empresa concessionária de serviço público ou empresa privada, por preconceito de raça ou de côr.

Pena — Prisão simples de três meses a um ano e multa de Cr\$ 500,00 (quinhentos cruzeiros) a Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), no caso de empresa privada; perda do cargo pelo responsável pela recusa, no caso de autarquia, sociedade de economia mista e empresa concessionária de serviço público.

Art. 8.º — Nos casos de reincidência havidos em estabelecimentos particulares, poderá o juiz determinar a pena adicional de suspensão do funcionamento por prazo não superior a três meses.

Art. 9.º — Esta lei entrará em vigor 15 dias após a sua publicação, revogadas as disposições em contrário.



“Coitado, é casado com uma negra; mas a gente recebe êle em casa”

Estávamos com o carro alugado ainda, e Odacir, junto com a garôta, estava sentado no banco de trás. Deixei-os na porta da boate e estacionei o carro mais adiante, como se fôra chofer do casal. Quando Odacir ia chegando à porta, o porteiro adiantou-se:

— Só pode entrar com reserva de mesa.

Odacir voltou ao carro e saímos. Dez minutos depois fui a pé até o “Tonton”. Quando ia entrando, o porteiro me barrou:

— Desculpe-me, senhor. Mas só é permitida a entrada acompanhado.

— Preciso fazer reserva de mesa?

— Aos domingos não, pois a casa não tem muito movimento.

Era domingo.

Antes de partirmos de São Paulo com destino ao Rio de Janeiro, tínhamos outro teste a fazer. A praça da República recebe tôda manhã dezenas de crianças, acompanhadas de suas mães ou babás. Como reagiriam as mães brancas ao carinho que um casal de negros fizesse em seus filhos? Da mesma maneira que a um casal de brancos?

Mamprin sentou-se num banco da praça, perto do coreto, e marcou dois grupos de crianças que brincavam perto de suas mães e babás. Odacir, acompanhado de uma jovem negra, aproximou-se dos grupos. Um garôto maior, a quem a jovem quis agradar, fugiu das carícias e refugiou-se nos braços da mãe. Então ela pediu para segurar no colo um outro garôto, cuja mãe respondeu prontamente:

— Ele é enjoado, chora à toa.

A môça negra não se deu por vencida e estendeu os braços para a criança. Esta estendeu-lhe os braços também, e foi parar em seu colo, ante o olhar de desagrado da mãe, uma mulher gorda. Quando, pouco depois, Odacir e a jovem se afastaram, foram seguidos pelos olhares hostis da mulher.

Eu repeti a experiência com uma branca. Aproximamo-nos do grupo, passamos a mão na cabeça dos guris, carícias no rosto. As mães, que não haviam descuidado um minuto quando Odacir e a môça negra estavam perto de seus filhos, não mostraram a mínima preocupação quando minha companheira carregou seus filhos de um lado para o outro.

A môça que ajudara Odacir fôra acompanhada de sua mãe. Quando comunicamos à mulher o resultado da experiência, ela se conformou:

— Isto é culpa do próprio negro. Começa as coisas bem, está sendo bem tratado, de repente estraga tudo. É natural que os brancos desconfiem. Eu sempre digo à minha filha: nunca faça nada que possa ser criticado pelos brancos. Seja sempre melhor do que todos.

Coisa parecida eu ouvira em Belém, Recife, Salvador. Sofia, uma jovem funcionária do SESI em Salvador, negra, é que sintetizou bem essas opiniões:

— O negro, para poder vencer, não pode ser normal. Para conseguir se afirmar como médico, engenheiro, artista, estudante ou simples mecânico, tem que ser excepcional. Qualquer deslize que cometer logo recebe na cara o comentário: “você poderia esperar outra coisa de um negro?”

As seis horas, tomamos um táxi para o aeroporto. Nosso destino era o Rio. O motorista, um italiano falador, morador na Bela Vista, foi contando anedotas, casos, até que resolveu falar de seu cunhado:

— Coitado, é casado com uma negra. Mas a gente tem pena dêle e recebe êle em casa. Se não, como é que os filhos dêle iam viver, sem a gente?

SEGUIE

## AS ORIGENS DA LEI

### NO CORAÇÃO DO NOSSO POVO

Afonso Arinos

A Constituição federal de 1946, no capítulo da declaração dos direitos e garantias individuais, no mesmo artigo em que vedava a propaganda de guerra, proibia também a prática de atos decorrentes de preconceito de raça ou de côr. Tratava-se de uma norma mais ética do que jurídica, de vez que não estava contida em preceito auto-aplicável. O artigo, em si mesmo, na forma pela qual se achava redigido, continha no máximo uma recomendação de conduta, mas nunca um dispositivo eficaz, visto que a proibição não era seguida de sanção e que, em virtude de outro princípio jurídico inafastável, nenhuma sanção pode ser aplicada sem lei anterior que defina o ato punível e comine a pena.

Foi reconhecendo isto que, em 1951, apresentei o projeto da lei que depois viria a ser conhecida com o meu próprio nome. Mal poderia esperar, no momento, que o Congresso Nacional a adotasse, como fêz, sem nenhuma alteração do texto que lhe submeti, e que a consagração popular lhe emprestasse o nome de Lei Afonso Arinos, pelo qual continuará a ser conhecida quando eu não fôr mais do que uma distante lembrança. De tudo o que pude fazer nos meus 20 anos de parlamento, de tôdas as lutas em que me empenhei durante êsses quatro lustros, e que foram as lutas do meu tempo, talvez nada permaneça de duradouro, exceto aquêle pequeno texto, no qual, muito mais que a minha, falou sem dúvida, acima dos séculos, a voz imemorable do meu povo.

Um dos meus irmãos, tomando em Washington um táxi, ouviu do motorista negro que lhe perguntara de que nacionalidade era, que tinha vontade de vir ao Brasil apertar a mão de um deputado que fizera uma lei fazendo da discriminação racial crime punível. Em Telavive, Israel, mostraram-me o texto da lei brasileira impresso em uma coletânea universitária. Em Goa, na Índia, em Macau, na China, quando passei por essas duas antigas cidades portuguesas, fui saudado em nossa língua por um indiano e um chinês, que me falaram da lei anti-racista. Em Dacar, no Senegal, o senador Vasconcelos Tôrres, que viajava comigo, ouviu de um motorista, na porta do hotel em que nos hospedávamos, que ali estava um homem que lutara pelos direitos dos negros no seu país.

Tôdas essas emocionantes lições é que me levaram, no fim do meu mandato de senador, em janeiro do ano corrente, a colocar no próprio texto da nova Constituição aquêle dispositivo, que não encontra similar em qualquer outra Constituição nacional do mundo: “A discriminação racial será punida pela lei”. Hoje o preceito está claramente inscrito na lei magna, como expressão genuína do que já vinha, há tempo, no coração do nosso povo.

RACISMO  
CONTINUAÇÃO



## O apartamento estava vago, mas responderam: "É pena, já alugamos"

De São Paulo não precisávamos saber mais nada. Nem testar outras coisas. Como paulista, eu estava envergonhado. Como branco, triste. Como ser humano, irritado e odiando tudo o que levava ao preconceito. Na semi-obscuridade do avião que nos levava ao Rio de Janeiro, sentado sozinho num dos bancos, eu observava Odacir e Geraldo Mori (Mamprin fôra obrigado a abandonar a reportagem pois já estava designado para outro trabalho). Olhava o rosto dos poucos passageiros, me perguntando se eles sabiam de tudo que eu já estava sabendo. Se em suas vidas eles percebiam toda vez que agrediam e feriam os negros.

### Dia 29, Guanabara

Chegamos ao Rio na segunda-feira à noite, perto das nove horas. No aeroporto, separamo-nos: eu e Mori iríamos num táxi, Odacir em outro. Enquanto aguardávamos nossa vez na fila, os motoristas ofereciam táxis a Odacir:

— Zona Norte.

Para nós era Zona Sul.

Odacir partiu na frente, em direção ao Copacabana Palace, primeiro hotel que iríamos testar. Não aconteceu nada. Fomos então para o Regente, sempre separados. O ascensorista tentou conversar com Odacir em inglês e espantou-se quando soube que não era norte-americano.

Mais tarde, uma camareira iria elogiá-lo:

— Esse moço fala muito bem português. Parece até brasileiro. **RACISMO** CONTINUAÇÃO

Era difícil, também para ela, imaginar que um negro que não fosse estrangeiro, tivesse condições de hospedar-se no hotel onde ela trabalhava.

Nosso teste, no dia seguinte, seria o do aluguel. Com as experiências anteriores de São Paulo e Recife, desistimos de procurar casas. Desta vez iríamos ver quartos. Primeiro na Zona Sul e depois na Zona Norte. Escolhemos vários anúncios publicados no "Jornal do Brasil". Dos quatro na região de Copacabana, apenas num deles o desagrado foi ostensivo. O anúncio dizia: "Aluga-se vaga confortável em ambiente familiar para rapaz de trato, NCr\$ 70,00. Telefone 27-5515, Av. N. S. de Copacabana 1150, apto. 804". Odacir foi na frente.

Um rapaz magro e baixinho atendeu-o com um sorriso amarelo:

— Lamento, mas a vaga já foi ocupada.

Odacir desceu, tomamos café num bar das proximidades e eu fui tentar a sorte. O mesmo rapaz me atendeu, mandando-me entrar. Fiz-lhe perguntas sobre o número de pessoas, o banheiro, o sossêgo e ele foi solícito nas respostas. Informo-me-o que iria ver mais um quarto e depois voltaria para dar-lhe uma resposta. À saída ele insistiu: **SEGUE**

## UNESCO: NÃO EXISTE RAÇA PURA

### Existe raça pura? E raça inferior?

Os preconceitos seculares que relacionam as minorias raciais, principalmente negros e judeus, entre os seres de raça impura ou inferior, foram condenados pela Declaração das Nações Unidas sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, de 1963. Eis o que diz seu artigo primeiro: "A discriminação entre os seres humanos, por motivos de raça, cor ou origem étnica, é uma ofensa à dignidade humana e deve ser condenada como uma negação dos princípios da Carta das Nações Unidas, como uma violação dos direitos do homem, e das liberdades fundamentais proclamadas pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, como um obstáculo às relações amigáveis e pacíficas entre as nações e como um fato capaz de perturbar a paz e a segurança entre os povos."

Um ano depois, em Moscou, um grupo de 22 cientistas, entre eles o brasileiro Francisco M. Salzano, do Instituto de Ciências Naturais de Porto Alegre, reunidos pela UNESCO, redigiu um documento sobre os aspectos biológicos da questão racial. Aqui está uma síntese deste trabalho:

— Todos os homens pertencem à mesma espécie — dita Homo Sapiens — e provêm de uma mesma origem. Quando e como os grupos humanos se diversificaram, é uma questão controversa.

— As diferenças de constituição hereditária e a ação do meio sobre o potencial genético determinam as diferenças biológicas entre os seres huma-

nos. A maior parte destas diferenças se deve à interação desses dois fatores.

— Cada povo apresenta uma grande diversificação genética. Não existe raça pura, no sentido de povo geneticamente homogêneo.

— Certos caracteres físicos têm um valor biológico universal e fundamental para a sobrevivência do homem. As diferenças sobre as quais se baseiam as classificações raciais não se referem a estes caracteres. Assim, não se pode falar biologicamente de superioridade ou inferioridade de uma raça em relação a outra.

— Nunca foi provado que a mestiçagem é um inconveniente biológico.

— Os fatores culturais que rompem as barreiras sociais e geográficas aumentam os círculos de casamento e agem, assim, sobre a estrutura genética dos povos.

— Nenhum grupo nacional, religioso, geográfico, lingüístico ou cultural constitui uma raça; o conceito de raça se refere apenas a fatores biológicos.

— Os povos parecem dispor hoje de iguais potencialidades biológicas para atingir qualquer nível de civilização. As diferenças entre as realizações dos diversos povos talvez sejam explicadas inteiramente por sua história cultural. Quanto às potencialidades hereditárias, no que se referem à inteligência global e às capacidades de desenvolvimento cultural, não permitem justificar o conceito de raças "inferiores" ou "superiores".



## O outro lado: “Vá embora, não tem vergonha de andar com brancos?”

— Venha logo que vaga como esta é difícil. Aqui tudo é legal.

Almoçamos num restaurante do centro da cidade, e saímos procurando escolas e testando maternidades e boates, tanto na Zona Sul como na Zona Norte; não houve problemas. No dia seguinte, fomos passear, eu com uma negra e Odacir com uma branca. Às 10 horas, estávamos defronte ao cine Metro, na avenida Copacabana.

### No bar

Eu comecei. As reações foram bem menos evidentes que em São Paulo. Com Odacir a hostilidade foi maior. A moça que aceitara fazer o teste é bem loura, filha de alemães e casada com um médico judeu. Chamaram a atenção de todos. Da janela de onde Geraldo Mori fotografava a cena, eu apreciava os olhares de deboche e espanto dos que passavam. Duas garôtas se cutucaram ao mesmo tempo, chamando a atenção para o casal. Um velho, de pasta na mão, quase escorrega enquanto olhava para trás. Odacir com a loura chamava muito mais atenção do que eu com a negra.

Resolvemos repetir a experiência na avenida Rio Branco. Permanecemos os quatro juntos, sentados nas cadeiras da calçada do Bar Simpatia. Se estivéssemos fazendo *strip-tease* não despertaríamos mais atenção do que ali. As pessoas paravam para olhar. Brancos e negros atropelavam-se para nos ver conversando animadamente, tomando refrigerantes. Não estávamos nos comportando como namorados, mas como simples amigos. Mesmo assim, era inadmissível para os que passavam a combinação de cores. Ficamos sentados no bar durante 15 minutos, e neste espaço de tempo não houve uma pessoa que passasse por nós sem nos dirigir um olhar de curiosidade, espanto ou hostilidade.

O mais agressivo foi um negro jovem, forte e simpático. Olhou fixamente para a negra que estava comigo, fêz-lhe um sinal com a cabeça, irritado, como se lhe perguntasse: “O que é que você está fazendo com êsse branco?” Ela desviou o olhar e êle parou pouco mais adiante, olhando acintosamente para ela. Depois de alguns instantes pedi à moça que fôsse até o balcão do bar comprar cigarros, para ver o que o rapaz lhe diria. Ela saiu e voltou dali a pouco, meio acanhada:

— Êle perguntou-me se não tinha vergonha de estar com você e mandou-me embora daqui.

Eu olhei novamente para onde estava o rapaz e êle permanecia fixando-nos, de cara fechada. Resolvemos sair antes que êle resolvesse tomar providências mais enérgicas.

No caminho para a Zona Sul, para onde levaríamos as garôtas, a lourinha me dizia que a única solução para o problema racial no mundo todo era a miscigenação:

— No dia em que os negros se misturarem com os brancos, tudo estará resolvido. Aprendi isso numa aula de geografia, quando era estudante ainda e acho que é a única maneira de acabar com a discriminação.

Eu mesmo já ouvira esta tese defendida por professores nas escolas em que estudei. Para resolver o problema, o negro deveria deixar de ser negro e ser quase branco. Então tudo estaria bem, porque não haveria mais negros. Solução genial...

Nessa noite sonhei que estava cercado de centenas de pessoas louras, com uniformes brancos, empunhando armas apontadas contra mim. No centro, encostado a uma parede, eu resistia gritando: “Deixem-me, eu também sou branco”. Consegui correr e passei por uma vitrina onde estavam expostos tecidos escuros. No vidro da vitrina eu vi meu rosto refletido. Eu era um negro!

Acordei sobressaltado, com o telefone tocando: era a recepção acordando-nos para a viagem. Fomos viver a última etapa — o Sul. **RACISMO** CONTINUAÇÃO

### Dia 31, Pôrto Alegre

Chegamos a Pôrto Alegre pouco depois do meio-dia. Ficamos hospedados no Hotel Plaza e, a não ser o fato de o quarto de Odacir ser inferior ao nosso, não houve diferença no tratamento.

Escolas, maternidades, boates, restaurantes, tudo normal, no primeiro dia. Mas os seguintes nos reservavam surpresas. A primeira foi na entrada de um edifício. Estávamos eu e Mori mais na frente. Um homem bem vestido, negro, saiu do prédio. Virei-me a tempo de vê-lo cumprimentando Odacir.

— Seu conhecido? perguntei.

— Não. É o terceiro que faz isso. Aqui, acho que por causa da pressão que sofrem, os negros têm mais solidariedade de raça.

Combinamos fazer o teste dos casais no dia seguinte, sábado de manhã, e partimos para experimentar mais colégios. No Colégio N. S. do Bom Conselho, Odacir ficou esperando 20 minutos pela chegada da diretora, que apareceu dizendo não haver vagas. Além do mais, no próximo ano as turmas seriam reduzidas. Mais tarde, quando procurei o mesmo colégio, fui recebido fora do expediente, levado a uma sala e atendido amavelmente por uma freira. Ela consultou a lista, disse que infelizmente não havia vagas, mas que eu poderia voltar no ano seguinte. Indicou-me até outro colégio onde poderia “colocar uma jovem de fino trato, como estou vendo que é sua filha”. **SEGUE**

### NÃO FUI DISCRIMINADO NOS EUA

O doutor Edgard Teotônio Santana é chefe de clínica da Santa Casa de São Paulo e especialista em Cardiologia. Tem mais de cem trabalhos científicos publicados.

“Fui à América estudar a situação do negro. A minha experiência pessoal, adquirida sobretudo em Nova Iorque, Boston e Miami comprova que está ocorrendo uma evolução. Em nenhum momento senti qualquer discriminação, mesmo em companhia de minha mulher, uma branca, o que poderia, talvez, ser interpretado como uma provocação, pelo fato de eu ser um negro. É bem verdade que sou médico (o que significa, nos EUA, ter um alto status social), e que falo francês (o que indica erudição para os meios mais sofisticados de Boston). Lá, eu estaria, certamente, incluído nos “5% de negros traidores”, os que ocupam cargos importantes na administração pública e apóiam a política integracionista do presidente Johnson. É claro que se eu morasse no Harlem ou no bairro porto-riquenho de Nova Iorque, os maneirismos de minha formação latina, a espôsa branca e meu nível intelectual provocariam, senão a hostilidade franca, pelo menos a não adaptação”.



## “Essa menina não sabe de nada; não existe preconceito no Brasil”

Depois do almoço, fomos para a rua Marechal Floriano fazer o teste do mal-estar. Mori ficou numa das janelas da Rádio Pampa, fotografando Odacir “doente”, encostado num poste. Tirou o lenço, desabotoou o colarinho, levou cinco minutos sem que ninguém lhe desse importância. Resolveu ser mais drástico: ficou de cócoras, o lenço na mão esfregando a cabeça. Só então um jovem, mal vestido, aproximou-se sem tocá-lo. Cientificou-se de que ele passava mal e chamou um guarda. O policial acompanhou Odacir até o hotel.

Na minha vez, bastou que eu me encostasse na parede e desabotoasse o colarinho, para que um senhor de aspecto distinto me pegasse pelo braço perguntando se estava me sentindo mal. Disse-lhe que era tontura e ele me ajudou a atravessar a rua.

De volta ao hotel, procuramos amigos que nos ajudassem a localizar uma jovem negra que se dispusesse a passear comigo no dia seguinte. Fomos apresentados ao cronista de clubes de um jornal, que nos levou a dois clubes negros de Pôrto Alegre: o Marcílio Dias e o Floresta Aurora. No segundo encontramos muitos jovens tocando violão e cantando. Convidamos uma moça para fazer a experiência comigo e ela aceitou. Depois fomos conversar com os jovens. Faziam as mesmas queixas que ouvimos em todas as cidades anteriores: o negro conseguia apenas empregos sem muita expressão e não conseguia fazer carreira. E mais, havia discriminação nos clubes mais finos da cidade, que não aceitavam negros. Eles sentiam-se tão oprimidos entre os brancos que freqüentavam os clubes onde somente se reuniam negros. Um ex-militar baiano, que disse ter conhecido todo o Brasil, revoltou-se:

— Essa menina não sabe o que está dizendo. Conheço o Brasil de ponta a ponta e nunca vi preconceito contra os negros.

Contei-lhe a nossa experiência daquela tarde e ele calou-se.

Às 10 horas do dia seguinte, chegamos atrasados 15 minutos ao encontro que marcáramos com as duas moças no hotel. Somente a loura ali estivera e marcara um outro local de encontro. Corremos para lá e não encontramos ninguém. Nós havíamos avisado, por telefone, à loura, que estávamos nos encaminhando para o saguão do Plaza, mas ela não quis esperar. Fomos para a rua da Praia na esperança de encontrar as duas jovens ali, pois sabiam onde seria a prova. Encontramos moças do Floresta Aurora, o clube de negros. Contamos nossas dificuldades e elas aceitaram arranjar uma loura para Odacir e uma delas passear comigo. Marcamos encontro para dali a 20 minutos. Na hora marcada, a que concordara desculpou-se:

— Perdão, mas minha família é muito tradicional e não gostaria de me ver aparecer na revista numa reportagem destas.

Conversamos com vários negros na rua da Praia, tentando arranjar garôtas, mas não foi possível. Quando estávamos voltando ao hotel, Odacir comentava:

— Os velhos daqui dizem que não há preconceito. Mas até a rua é dividida. Perto dos cinemas, os negros; do lado do comércio fino, os brancos.

Frustrados, almoçamos e saímos para o último teste antes de deixar Pôrto Alegre: lugar onde morar. Repetimos a prova do Rio de Janeiro e nos interessamos por quartos para alugar em casas de família. Testamos três anúncios. Dois deles eram pensões, e o terceiro, no n.º 1.280 da rua do Riachuelo, Odacir foi recebido por uma senhora de rosto zangado. Não o deixou falar. Viu-o com o jornal na mão e foi dizendo irritada:

— A vaga já foi alugada. Passe bem.

Bateu-lhe a porta na cara. Quando entrei, procurei ficar bem ao lado do zelador do edifício. Ele perguntara a Odacir

aonde ia e o que ia fazer. Queria ver se ele procedia da mesma maneira comigo. Aguardei o elevador durante três minutos e não houve nenhuma reação do homem. Bati à porta do número 31. A mulher era zangada mesmo. Ouvi minha conversa sobre o anúncio do jornal e mandou-me descer ao primeiro andar, apartamento de sua mãe, que é quem tinha a vaga. Desci as escadas e bati à porta. Atendeu-me uma senhora idosa. Convidou-me a entrar e exaltou as qualidades do quarto:

— Aqui é muito sossegado, mora gente boa e as refeições são ótimas. O senhor vai sentir-se em casa.

Fiquei de dar-lhe uma resposta mais tarde e saí. Agora nós queríamos comprar um apartamento. Havia um anunciado, na rua dos Andradas, 745. Odacir foi recebido pelo zelador, na porta do prédio:

— O apartamento custa 35 milhões de cruzeiros à vista.

— Não vendem a prazo?

— Não.

Voltou-lhe as costas e continuou o que estava fazendo.

Quando cheguei, o homem estava conversando com alguém. Interrompeu assim que me aproximei. Perguntei-lhe à respeito do apartamento:

— Tem três quartos, cozinha, banheiro, quarto de empregada. É bem grande.

— Qual o preço?

— Quarenta milhões a prazo, com 20 milhões de entrada.

— À vista quanto custa?

— Trinta e cinco milhões.

Voltamos ao hotel e pouco depois regressamos a São Paulo. No aeroporto despedi-me de Odacir. No fim de tudo eu estava triste e quase concordando com os muitos que nos aconselhavam a desistir da reportagem. É tudo tão vergonhoso que o melhor seria calar. Mas e os negros?

Apanhei um táxi e fiquei olhando para trás, Odacir entrava em outro carro. Ouviria novamente o que o motorista morador na Bela Vista nos dissera? E seu filho, encontraria também uma dona Maria que o xingaria de “negrinho atrevido”?

Eu estou certo que sim. Ele também.

### PRECONCEITO PODE AUMENTAR

Raimundo Souza Dantas é sergipano, filho de lavadeira com tropeiro. Autodidata, chegou a redator político do antigo “Diário Carioca”, até que foi convidado para oficial de gabinete do presidente Jânio Quadros. Em 1962, era nomeado embaixador do Brasil em Gana.

“Eu poderia me considerar um homem realizado, chegando a embaixador e tendo as origens que tenho. Se, no entanto, o cargo me trouxe vantagens e honras, trouxe também decepções, porque, inclusive, me afastou da profissão de jornalista, para a qual eu realmente sentia e sinto vocação. No tempo em que exerci a embaixada, não tive cobertura, nem pude realizar aquilo que achava melhor, por motivos preconceituais. Se o preconceito ainda é diluído, ele pode vir a ser agressivo desde que os negros, melhor preparados, venham a concorrer na disputa de situações com o branco.”

# HISTORINHAS DE FAZER SORRIR NUM ASSUNTO DE FAZER CHORAR

O. C., f.

## Os prêtos do Rosário, impedidos de receber D. João VI à porta principal, entram com êle

Quem conta é o velho Vieira Fazenda.

Quando D. João VI chegou ao Brasil foi dia grande no Rio o do desembarque, êle ainda môço, D. Carlota sempre feia, de prêto, cabelo cortado e não empoado, sem jóia ou enfeite: êle alegre, ela contrariada. D. João quis rezar na Igreja do Rosário, igreja de prêtos, que servia de catedral. E para lá se botou, sob pália nôvo, comprado para cobri-lo.

Quando o Príncipe chegou à igreja, impediram a Irmandade do Rosário de sair de cruz alçada ao encontro dêle. Mas os pretinhos não se embaraçaram. Saíram pela porta lateral, entraram com D. João pela principal, que lhes fôra embargada. A casa era dêles...

E êle, quando soube, o bom Rei, como se ria da espezteza daquela boa gente.

## De como cangaceiro e juiz são capazes da mesma coisa: destrôçar mal-casados

Minha impressão personalíssima é que se trata de puro folclore. Mas o certo é que a história reponta aqui e ali. Se atribuí a Antônio Silvino. Se atribuí a Lampião. Quem conta, conta com todos os detalhes, dia, hora, lugar, testemunhas. É o que faz desconfiar: tanto detalhe.

Mas não se conta só de cangaceiro. Se conta também de juiz.

Quer que lhe conte? Lhe contarei.

Está nas "Memórias de um Senhor de Engenho", de Júlio Bello. Está em "Tempos Idos", recordações de Pedro Moniz de Aragão.

O bacharel Estevão Pais Barreto Ferrão Castelo Branco era juiz no interior da Bahia. Apareceram-lhe dois casais para casar. Um prêto com uma branca, um branco com uma preta. Danou-se. Vestiu beca e proclamou:

— Eu, Estevão Pais Barreto Ferrão Castelo Branco, bacharel formado pela Faculdade de Direito do Recife, juiz substituto no exercício da vara de direito nesta comarca do Estado da Bahia, descendente de antigos e nobres fidalgos portugueses, declaro, fiel a meus princípios, que não caso prêto com branco. Troquem os lugares.

Trocaram. Êle os casou, prêto com prêto, branco com branco. E foram muito felizes.

## O mulato Juvêncio se suicida em dia de eleição porque é mulato

Juvêncio Ferreira era uma boa figura de agitador no tempo de Pedro I. Foi êle quem gritou ao pé do ouvido do rei, pegando nas rédeas do seu cavalo, a restrição célebre: "Viva o Imperador enquanto constitucional!" (E D. Pedro, sem se perturbar: "Sempre constitucional!") Pois em 1845 o boticário bem ali na esquina da praça Tiradentes, (então largo do Rocío) se candidatou a deputado. E vai daí o jornalista Justiniano José da Rocha, êle próprio mulato, escreveu no "O Brasil" que não podia ser eleito o mulato boticário Juvêncio "por ser nascido de escrava".

O artigo saiu no dia 1 de março de 1845. No dia 3 Juvêncio morria de desgosto.

## Nariz de branco em negócio de negro

O dr. José Fernandes Coelho era advogado em São Paulo, onde, carioca, se formara em 1874. Prêto, acusava, no Juri, um homem de côr, que tentara assassinar outro. Fazia a defesa Luís Gama, que perorou:

— Vós vedes, srs. jurados, que tudo é negro neste processo. O advogado da defesa é negro, o promotor público é negro, o acusado é negro, a pretendida vítima é também um negro. Sômente vós, srs. juizes, sômente vós sois brancos. Que tem branco que meter o nariz em negócios de negro? Mandai, pois, embora êste desgraçado.

## Como o dr. Manso vingou-se espantosamente da desfeita que a môça branca lhe fizera

O menino nascido em Itu e filho do padre pintor José Patrício da Silva Manso não era branco, isso não: mestiço inegável, "um tanto moreno", diz um biógrafo. Não foi a Coimbra estudar medicina, se fêz cirurgião aqui por estas bandas. E eis senão quando ergueu os olhos para môça branca, quis casar com "uma senhora da antiga nobreza de S. Paulo". Isso foi em Campinas, ainda no 1.º Império. Sinhá dona não quis casar com o môço botânico, que talvez já então preparasse a sua "Enumeração das plantas medicinais brasileiras que podem promover a catarze", obra que Martius levou. Recusado, o dr. Antônio Luís da Silva Manso quis suicidar-se, tomou laudano de Sydenham. O veneno não o matou, nem o curou.

Em 1834 estava êle em Mato Grosso, e foi o principal motor daquele movimento que queria desterrar o português, acabou matando... Morreram mais de 100, segundo calculava o Visconde de Taunay.

**O professor diz ao escrívão: emenda, o menino não é branco**

Luis Anselmo da Fonseca, prêto de origem humilde, foi o autor de "A Escravidão, o Clero e o Abolicionismo", livro apaixonado e até faccioso no seu anticlericalismo, mas fundamental para a história da escravidão no Brasil.

No comêço dêste século, professor da Faculdade de Medicina da Bahia após concursos disputados, Anselmo levou um filho a registro. O escrívão anotou a côr do menino: "branco".

— Branco, não, emendou Anselmo, escreva prêto. Se é branco, não é meu filho...

**No Império um deputado prêto fracassa; mas na República quase não chega a ser...**

Não é para falar bem do Império, não, mas a verdade é que o Parlamento nasceu da luta da Independência, onde o nativismo antiportuguês se comprazia em esquecer a côr dos políticos; e daí logo aparecem prêtos deputados, prêtos e mulatos, a começar por aquêle Antônio Pereira Rebouças, acusado de, quando secretário do Govêrno em Sergipe, querer fazer a revolução dos negros contra os brancos.

Houve um prêto que deixou a lembrança de um grande fracasso. Chamava-se Teodomiro Alves Pereira e era doutor em direito pela Faculdade de São Paulo. Chegou à Câmara em 1878, precedido de um grande renome. Era liberal, companheiro de Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Rodolfo Dantas, José Mariano, Afonso Pena, tudo gente muito promissora. No seu caso, havia mais: era prêto retinto.

Foi estrear defendendo o govêrno de Martinho Campos e fracassou, como fracassou... A cada instante se ajudava nos argumentos com um "porventura". Ficou o "Deputado Porventura", celebrado em prosa e verso. Ninguém falou na côr...

Na 1.<sup>a</sup> República é que as coisas foram mais difíceis. Em 1909 foi eleito para a Câmara dos Deputados o dr. Monteiro Lopes, Manoel da Mota Monteiro Lopes. Não queriam reconhecê-lo. Foi Carlos Peixoto quem garantiu a posse do deputado negro. "Notava-se (conta Mário de Alencar) uma absurda repugnância em todos pela entrada de um negro na Câmara: Carlos Peixoto, ao contrário, naquela qualidade, pejorativa para a cútis melindrosa da representação, achava o cunho de uma legítima vitória do esforço democrático". No dia da decisão, houve palmas e flôres, "pombos festivos e nastrados de fitas" voando pelo recinto

**Onde se conta como Wanderley prêto se vingou (muito justamente) de Wanderley branco**

Chamava-se (narra o historiador Carlos Xavier) dona Francisca, Francisca da Rocha Lins Wanderley.

Dona Francisca da Rocha Lins Wanderley estava um dia no seu Engenho "Rio Formoso" quando reparou nos carros de boi que atravessavam, em sonora lentidão, a estrada que passava por êle. Iam carregados de açúcar, e nas caixas as iniciais J.M.W., W. como Wanderley. Pois era de Wanderley que se tratava, um prêto rico que tinha o mesmo nome do Barão de Cotegipe, João Maurício Wanderley, e eram dêle caixas e marcas.

Dona Francisca da Rocha Lins Wanderley não gostou de ver aquêle açúcar de um Wanderley prêto atravessando suas terras de Wanderley branca. Mandou parar os carros. Chamou um carpinteiro. Que trouxesse uma enxó. Os escravos que derrubassem as caixas. Então, uma a uma, a enxó foi rasgando a madeira, cortando o W das marcas. Dona Francisca mandou carregar de nôvo o açúcar e um recado para o prêto. Dissemos a João Maurício Wanderley que Wanderley era nome de branco. Pessoa ou coisa de Wanderley prêto não podia passar nos canais de seu engenho.

João Maurício Wanderley recebeu a injúria e danou. Era prêto de muita vergonha, lá isso era. Foi à cidade, precisava vingar-se. Foi mansueto, mansueto, indagou onde estava o açúcar de dona Francisca da Rocha Lins Wanderley. Estava no trapiche "Rio Formoso", caixas e caixas empilhadas à espera de embarque. João Maurício Wanderley vendeu engenhos, comprou o trapiche.

Comprou o trapiche à noite, já no dia seguinte pela manhã estava lá. Chamou os carreiros, os mesmos carreiros que lhe tinham levado o recado, mandou que retirassem as caixas de açúcar de dona Francisca da Rocha Lins Wanderley. Ficaram atiradas na calçada. Mandou um recado a ela. Daquela data em diante no trapiche "Rio Formoso" não se ceitava mais mercadoria de Wanderley branco...

E agora aqui para nós tem outra história. Conteí uma vez o caso, disse que bem gostava que os dois tivessem terminado de um jeito que sabemos: vendo-se, amando-se, casando-se. Não vê que tinham sido feitos um para o outro? Bôca que tal disseste! O historiador de "Rio Formoso", quase zangado embora sempre gentil, foi às fôlhas dizer que não, jamais: dona Francisca fôra sempre sinhá branca, que de brancos tivera filhos barões...

**Frei Jesuíno pinta tão bonito que o capitão-mor o branqueia**

Frei Jesuíno do Monte Carmelo pintou igrejas de Itu, era uma beleza. Sua mulatice era indisfarçada; e êle a deixou registrada em santos e anjos, que Mário de Andrade sustentava andarem muito perto de retratos dos filhos do pintor.

O certo é que tão grande ficou frei Jesuíno que o Capitão-mor Vicente de Tacques Costa Góis Aranha resolveu, ao ser feito um dos censos, que frei Jesuíno não podia ser mulato. Mandou inscrevê-lo como branco... (Meio século depois, Luis Gama figuraria no recenseamento da capital paulista como "caucásico"...)

Um dos anjos do fôrro era mulatinho mesmo. O irmão Lourenço estranhou:

— Que é aquilo, Jesuíno Francisco? Por que aquêle anjo está me snindo tão escuro?

— Faltou tinta, irmão Lourenço... Faltou tinta...

**Em Conceição de Mato Dentro,  
negro não entra na igreja,  
senhor casa com escrava**

Quem conta é Geraldo de Dutra Morais, na sua "História de Conceição de Mato Dentro". Em 1727, por ocasião da visita pastoral de D. Antônio de Guadalupe, "os negros forros e mamelucos pisaram talvez propositadamente nas elegantes alcatifas das matronas concepcionenses". Houve tiro, facada, chicotada. E o visitante proibiu, por escrito, a entrada de negros "por dentro da cêrca da Igreja, principalmente nas ocasiões de missas e festejos, para que não haja desarmonia e tumultos na casa de Deus".

Morreu um filho de branco rico, o Capitão Francisco Moreira Carneiro. E oito escravos estrearam o patíbulo construído às carreiras no outeiro perto da Matriz, desde então chamado Morro da Fôrca ou Morro das Oito Cabeças Negras...

Em Conceição, também, apesar da Ordem Régia que proibia casamento com prêto, em 5 de agosto de 1737, "só por informação secreta", se receberam secretamente o Capitão Manuel Correia de Paiva e sua escrava Jacinta de Barros: "o Capitão Manuel Corrêa de Paiva, filho legítimo de Domingos de Paiva e Maria Cardoso, natural de Santa Maria Madalena de Mor, Bispado de Lamego, e morador nesta freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Mato Dentro, com Jacinta de Barros, crioula, sua cativa, natural de Sergipe d'El Rei, Arcebispado da Bahia".

Como teria ido esbarrar em Conceição de Mato Dentro essa escrava de Sergipe, para fazer cativo o coração do Senhor Capitão? Ninguém conta. Fêz dêle seu marido — e deu-lhe 15 filhos, que o vigário André Moreira de Faria, que os casou, batizou.